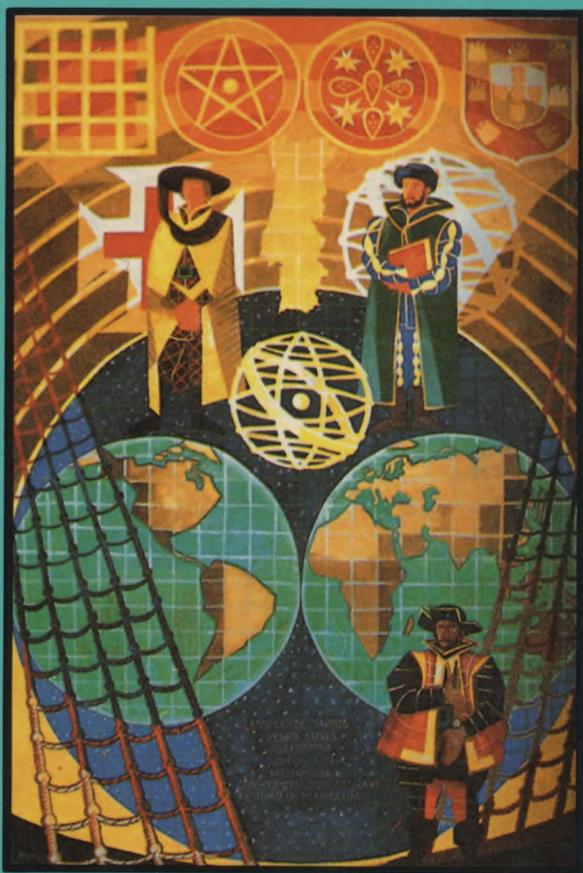


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 14

DESCOBRIMENTOS, EXPANSÃO E IDENTIDADE NACIONAL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1992

senhores, chefes militares e guerreiros, e os enterros para todas as classes. O P. Luís Fróis, na carta de 20 de Fevereiro de 1565, escrita de Miaco e dirigida aos seus confrades da Índia, fala dela em todos os pormenores.

Os jesuítas tentaram instituir os funerais cristãos, insistiram no sentido da vida e da redenção com o apoio do calendário litúrgico e dos tempos fortes de preparação das festas consagradas à purificação e à penitência: Advento, Quaresma, Paixão, Assunção da Virgem, Todos os Santos e Fiéis Defuntos. Falavam do carácter peregrino do homem pela terra, da condição sublime da alma após a morte, esperando a hora e o juízo de Deus, dos méritos de cada um e do corpo místico, da conversão interior e do exercício do proselitismo imediato; e ainda da viagem para Deus, da purificação, do acesso gradual à beatitude, do exercício de piedade, da mortificação e santificação, e das obras de misericórdia. As meditações do rosário e sua recitação, os mistérios dolorosos, as leituras da *Imitação de Cristo*, do *Guia de Pecadores* de Luís de Granada, dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola — eis outras recomendações feitas pelos jesuítas.

Também as crianças e as famílias pobres foram objecto das considerações apresentadas pelos discípulos de Inácio de Loyola. Falavam da ressurreição geral para todos, de que o Cristo-Homem Deus era o protótipo. À destruição irremediável dos zeladores dos grupos budistas Zen, os missionários opunham a certeza do encontro com Deus em que a união da alma e do corpo alcançavam a harmonia total.

Manuel Augusto Rodrigues

Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537). Vol. X (1501-1510), Lisboa, INIC, 1991, XX+ 624 p.

O Prof. Moreira de Sá, ligado à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1945, em boa hora lançou o projecto desta monumental edição "tendo por objectivo principal o estudo e a valorização das obras do pensamento e das instituições de cultura do nosso País", como escreve o Prof. Gama Caeiro, continuador da edição. Até à sua morte, ocorrida a 13 de Novembro de 1989, manteve-se sempre vivo no seu espírito esse programa tão válido de dar a conhecer fontes tão importantes da história da Universidade. "Muitos monumentos do nosso passado intelectual são-nos hoje acessíveis

graças à diuturna e incansável actividade de Moreira de Sá, dando a conhecer dezenas de obras verdadeiramente significativas e antes inalcançáveis pelos estudiosos do pensamento e da cultura. Mas será porventura a gigantesca investigação histórica sobre a Universidade portuguesa — desde as origens até 1537 — aquela que, entre as restantes actividades do saudoso Mestre, mais justifica o lugar de relevo que lhe cabe na cultura nacional". Diz ainda o Prof. Gama Caiiro: "Na verdade, foi devido ao labor intenso, ao longo de quarenta anos de profícuas pesquisas, deste historiador, que os portugueses do nosso tempo puderam dispor do corpus documental da sua Universidade: o *Chartularium Universitatis Portugalensis (1288-1537)*".

Sob a sua responsabilidade foram editados nove grandes volumes do *Chartularium* e ainda o *Auctarium Chartularii Universitatis Portugalensis (1506-1537)* em três tomos, dados à estampa entre 1973 e 1979. O primeiro tomo do *Chartularium* é de 1966, então sob os auspícios do Instituto de Alta Cultura. Para concluir a publicação faltam ainda quatro tomos: os tomos XI (1511-20), XII (1521-30), XIII (1531-37) e XIV (aditamentos, correcções e índices gerais). A conclusão da obra será uma homenagem significativa à memória do Prof. Artur Moreira de Sá.

Este volume X, na sequência do anterior, mostra o elevado interesse de D. João II e de D. Manuel pelos estudos superiores, nomeadamente universitários, o que se pode ver pela leitura de muitos e variados documentos provenientes do Archivio Segreto do Vaticano e do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Muitos escolares portugueses frequentaram Universidades estrangeiras: Bolonha, Roma e a Cúria Romana, Siena, Perugia, Florença-Pisa e Salamanca. Alguns evidenciaram-se no culto das Letras, como insignes oradores e humanistas, e outros ao serviço do Rei.

Alexandre VI por uma bula de 23 de Junho de 1496 concedeu que nas igrejas catedrais de Portugal fosse conferido a um doutor ou licenciado em um ou em ambos os Direitos um dos canonicatos e prebendas (vol. IX, doc. 3659); Júlio II, pela bula de 4 de Junho de 1505, trata da união de benefícios à Universidade a fim de satisfazer mais facilmente o salário de mestres, doutores e lentes.

Numerosos letrados portugueses estiveram ao serviço do soberano que antes tinham estudado em Universidades italianas, alguns deles já no reinado anterior. Houve-os que vieram a ensinar na Universidade de Lisboa. Vasco Fernandes de Lucena, humanista, insigne orador, embaixador, cronista e chanceler-mor do Reino, e

Luís Teixeira tio, desembargador régio, e o chanceler-mor Rui Boto, são exemplos de portugueses que aprenderam em Universidades italianas. Também foi significativo o número dos que estiveram ligados aos descobrimentos, como aconteceu com Henrique Caiado. Muitos contribuíram largamente para o progresso do humanismo, como foi o caso de Martinho de Figueiredo e de D. Pedro de Meneses.

Em Paris, Salamanca e no Colégio de S. Clemente de Bolonha desempenharam vários portugueses cargos importantes. No referido Colégio de S. Clemente salientaram-se o Doutor Diogo de Lucena e o Doutor Jorge Cotão no cargo de reitor. Francisco de Sá de Miranda e o cardeal de Alpedrinha destacaram-se como figuras notáveis nesse domínio. E foi assinalável o número daqueles que ocuparam posições de relevo na Cúria Romana. Aliás convém dizer que muitos estudantes recorreram à Cúria para obter graus académicos (caso de D. Fr. André Dias de Escobar), já que eram avultadas as despesas para os conseguir nas Universidades.

Entre as gravuras incluídas, merecem uma referência especial a de Nossa Senhora da Conceição e a do Mosteiro dos Jerónimos, ambas ligadas à Universidade. Também aparece a do Hospital das Caldas, como homenagem a D^â Leonor, irmã de D. Manuel e fundadora das Misericórdias em Portugal. Ela esteve ligada a vários casos de estudantes e professores, como sucedera séculos atrás com a Rainha Santa Isabel, esposa de D. Dinis, fundador da Universidade.

Quanto à metodologia, escreve o Prof. Doutor Gama Caeiro que elas são as anteriormente utilizadas na transcrição e edição dos textos, bem como se manteve o mesmo critério de seriação e apresentação dos documentos, com o seu número, data, sumário e indicação de fontes. Mas adoptou-se maior uniformização quanto à grafia dos nomes das pessoas e entre as variantes. Outras particularidades que beneficiam a edição vêm a seguir indicadas.

Ao todo figuram neste volume 426 documentos que são cartas régias, súplicas ou requerimentos de clérigos e escolares e letras pontificias, como já sucedera com os volumes anteriores. Mas alguns ultrapassaram esse âmbito, como os documentos relativos ao Mosteiro dos Jerónimos e à Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Lisboa sobre a doação de alguns bens e o documento alusivo ao arroteamento dos matos de Beja.

Mas fazem-se sentir no presente volume algumas inovações importantes: deu-se mais desenvolvimento aos sumários e acrescentaram-se notas de grande mérito, com bibliografia fundamental e actualizada e anotação cuidada da documentação com

os dados mais relevantes sobre as personagens e os acontecimentos, estabelecendo a interligação dos documentos e apontando a rede de relações entre instituições e pessoas. As notas biográficas enriquecidas com elementos consequentes dos três volumes do *Auctarium* e do *Chartularium* são outro dado que pode ser assinalado.

Este volume que, como os outros, contou com o apoio fundamental do Padre Sousa Costa (que sobre alguns dos temas já referidos nesta nota tem escrito notáveis estudos e a quem recentemente foi atribuído o grau de doutor "honoris causa" pela Universidade de Lisboa em atenção ao valioso contributo que dado em prol da cultura portuguesa), insere-se numa fase especial da cultura portuguesa e europeia. Os Estatutos de D. Manuel de 1503 foram um aspecto relevante da história da Universidade que teve neles um ponto de partida para uma renovação assinalável. Erasmo, Reuchlin, Lefèvre d'Étaples, Etienne Dolet, Marsílio Ficino, Pico de la Mirándola, Guillaume Budé — eis algumas personalidades de primeiro plano que nessa altura dominavam a cena cultural europeia. A tipografia emprestava a todo esse movimento de revitalização intelectual uma nota muito particular. Em Faro havia saído em 1487 o primeiro livro impresso em Portugal (o *Pentateuco* de Faro, que recentemente foi reeditado em fac-simile) e noutras cidades, como em Coimbra no Mosteiro de Santa Cruz, esse surto da Imprensa contribuía em larga medida para a expansão do livro.

Está de parabéns o Prof. Doutor Gama Caiiro pela edição deste volume do *Chartularium* que constitui uma fonte de primordial importância para o estudo da Universidade de Coimbra que precisamente em 1990 comemorou os 700 anos da sua fundação, aguardando-se que das suas excelentes qualidades de investigador proba apareçam dentro em breve os restantes volumes.

Manuel Augusto Rodrigues

Synodicon Hispanum. III. Astorga, León y Oviedo. Edição crítica dirigida por Antonio García y García e realizada por iniciativa e sob o patrocínio da Universidade Pontifícia de Salamanca. Colaboração de Bernardo Alonso Rodríguez, Francisco Cantelar Rodríguez, Antonio García y García, José Martín Martín, Juan Cándido Matías Vicente, Carmen Pérez-Coca y Sánchez-Mata. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1984, XXII + 668 p.

O plano geral da obra inclui os volumes relativos à Galiza,